



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a inauguração do Centro Operacional e Administrativo dos Correios e Telégrafos

São José-SC, 08 de maio de 2007

Jornalista: Presidente, o senhor falou com as rádios católicas ontem sobre aborto, por exemplo. Como católico, o senhor acha que a Igreja poderia se modernizar em temas como camisinha ou o aborto?

Presidente: Veja, eu acho que a Igreja tem, primeiro, autonomia e idade para tomar as decisões que melhor lhe convenha. Eu fiz questão de dizer ontem, não apenas como presidente, mas como cidadão: eu tenho, na minha história política, dito que sou contra o aborto, mas enquanto chefe de Estado, o aborto tem que ser tratado como uma questão de saúde pública. Como é que nós vamos fazer se ele existe e sabemos que, normalmente, são pessoas que não têm nenhuma condição de assistência, que são vítimas do próprio aborto? Então, é preciso que a gente cuide disso com a realidade que temos que tratar.

Jornalista: Presidente, como é que estão as negociações com o governo da Bolívia em relação à venda das refinarias da Petrobras? Tem alguma novidade?

Presidente: Não tem novidades. Eu tenho conversado com o Sérgio Gabrielli, ainda quando estávamos em Caracas, e a Petrobras não tem nenhum problema de vender as refinarias, o que a Petrobras quer é o preço justo que vale a refinaria.

Jornalista: E se não for pago esse preço?



Presidente: Se não for pago, nós temos que ir para a Justiça internacional, para reaver os direitos da empresa. E isso é uma briga, por enquanto, da Petrobras, não é uma briga que envolve o governo brasileiro. Eu estou consciente de que não haverá problema com o fornecimento de gás ao Brasil. Nós estamos trabalhando no Plangás e vocês devem ter olhado, na apresentação do PAC, que tem uma soma de investimentos extraordinária para que a gente possa solucionar o problema do gás no Brasil. De forma que eu acho que a gente precisa entender o problema do tamanho que ele é. É um direito que um país tem, de querer comprar uma empresa que ele entende que tem que tomar conta, e é direito da Petrobras pedir o preço justo.

Jornalista: Já está no limite essa negociação?

Presidente: Eu acho que está no limite das negociações.

Jornalista: Não vai prejudicar o fornecimento de gás?

Presidente: Não vai prejudicar o fornecimento de gás, até porque não estamos discutindo gás nesse momento. A discussão do gás, isso foi discutido há um tempo atrás, foi feito um acordo entre a Petrobras e a empresa boliviana, e esse acordo está em vigência, foi até aprovado pelo Congresso boliviano, mais recentemente. De forma que nós não estamos com problema nessa área.

Jornalista: Pelo relatório do PAC, Presidente, e também do DNIT, a BR-101 não deve ser concluída dentro do seu governo. O senhor vai fazer algum tipo de esforço para dar seqüência a esse trabalho?

Presidente: A BR-101 é uma obra da maior envergadura, da maior



importância. Ela teve problemas sérios, eu lembro que quando nós começamos a fazer o túnel tivemos que paralisar a obra por problemas com uma ação do Ministério Público, em função de uma comunidade quilombola que morava em cima do morro. Isso leva um tempo e você tem que respeitar toda a Justiça para poder fazer. Ela está, agora, a pleno vapor. Ela tem regiões que são mais difíceis e regiões mais fáceis. Mas nós trabalhamos com a certeza de que queremos acabar a BR-101, definitivamente. Se não der para acabar, vai faltar muito pouco. Nós precisamos acabar, porque é uma rodovia que vai ligar o Mercosul por inteiro. Santa Catarina, sobretudo, é um estado que precisa não apenas fazer transitar sua gente e seus produtos agrícolas, mas receber os milhões de argentinos que vêm para cá passar férias no final do ano. Então, o Brasil precisa estar preparado para receber todo esse mundo e evitar que haja desastre. Por isso que ela é uma rodovia prioritária para nós.

Jornalista: Presidente, o senhor veio para inaugurar a hidrelétrica. Existem algumas divergências entre alguns Ministérios em relação às licenças ambientais. Como é que o senhor pretende contornar isso para adotar novos programas?

Presidente: Veja, o que nós mostramos no PAC para vocês, ontem? Se eu mostro para vocês uma pesquisa do governador Luiz Henrique ou do presidente Lula e, nessa pesquisa, diz o seguinte: você tem 60% de bom e ótimo, você tem 30% de regular e 10% de ruim e péssimo, você não pode mostrar o regular com o ruim e com o péssimo. Você tem que mostrar o regular com o bom e com o ótimo, se é que você pode mostrar assim, também. Então, o que nós mostramos ontem? Nós temos mais de 50% das obras com o cronograma perfeito. Você tem 30% das obras que têm alguns problemas, às vezes de data, às vezes de ajuste. Eu vou dar um exemplo: a Petrobras apresentou um cronograma para nós e, depois, tentou fazer um ajuste. Eu



chamei a Petrobras e disse que não aceitava aquele ajuste, era preciso que ela se adequasse ao PAC. Então, nós temos problemas assim em outras áreas, mas aquele que está amarelo é como o semáforo, em que vocês estão andando na rua, ou seja, ele está dizendo apenas que você tem que ter atenção: você olha para um lado, não vê um carro, olha para o outro e não vê carro, então pode atravessar e não vai ser multado por isso.

Jornalista: E se estiver amarelo?

Presidente: Se estiver com tempo, você pára, mas se estiver muito em cima e não tiver carro, você passa porque o amarelo é atenção, não é para você parar.

Jornalista: Mas as hidrelétricas...

Presidente: Veja, as hidrelétricas são sempre um problema no País. É importante lembrar que o Brasil é um dos países do mundo que tem o maior patrimônio hídrico para fazer hidrelétricas. Nós não podemos prescindir disso e fazer termelétrica de carvão, que seria um contra-senso contra tudo o que se discute sobre a questão do efeito estufa. Nós poderemos fazer energia nuclear, ficamos 20 anos sem fazer, poderemos retomar a questão da energia nuclear, que vai levar algum tempo. Nós poderemos fazer biomassa, mas também é uma coisa incipiente. Alguns mais sonhadores falam “por que não faz energia eólica?” As pessoas não se dão conta de que uma usina de eólica, que tem que produzir 100 megawatts, produz, em média, 30 megawatts, porque ainda não inventaram alguém para ficar soprando de forma constante para mexer com as hélices.

Então, o que nós temos clareza é o seguinte: não faltará energia no Brasil. E pode demorar um pouco ou não, veja, não tem briga entre ministros, até porque não pode ter briga. O dia em que tiver briga entre ministros, eu



mando os dois embora e assumo a responsabilidade. Não tem briga, tem divergências entre organismos que têm que cuidar de coisas específicas. Nós temos que respeitar, porque são organismos criados pelo próprio governo, pelo Congresso Nacional, e na hora em que você tem visões diferentes sobre determinadas coisas, você discute até chegar ao bom senso. Se não tiver, não tem como o Presidente da República arbitrar uma coisa que tem divergência, por exemplo, de entendimento geológico, não tem como. Isso é uma coisa de muita especialidade.

Na verdade, eu estou tranqüilo porque nós não estamos apenas tratando de fazer as hidrelétricas que precisam ser feitas, o que pode demorar um mês a mais, um mês a menos, mas eu estou convencido – e gravem isso, porque depois vocês podem me cobrar – de que nós não deixaremos faltar energia neste País em 2011, 2012, 2013. Nós vamos construir o que precisar ser construído.

Jornalista: O que o senhor acha da energia nuclear?

Presidente: É uma alternativa importante. O Brasil tem tecnologia, o Brasil pode fazer. Nós, até agora, achamos que é um contra-senso fazer por quê? Porque o Brasil tem uma quantidade de rios ainda a serem explorados com hidrelétricas, não tem nenhum sentido. Se você fosse medir hoje a quantidade de reservas que tem, de rios, para construir hidrelétricas na América do Sul, você teria uma quantidade de hidrelétricas que geraria uma quantidade de megawatts – 540 mil – que, se transformados em barris de petróleo, seria uma reserva de 1 trilhão e 349 bilhões de barris de petróleo, que é o que nós temos de rios para fazer energia elétrica. Então, nós vamos fazer.

De vez em quando eu vejo que vocês ficam incomodados com divergências. A divergência, para mim, é a coisa mais saudável, porque ela permite que no calor da divergência você encontre aquele consenso que não



seja forçado, de forma arbitrária, pelo presidente da República. Não é que seja construído, que atenda aos interesses de todos. Nós sabemos que o Brasil vai crescer muito, vai crescer durante muito tempo e que nós precisamos da energia. E eu não tenho como inventar energia, eu tenho que fazer daquilo que é possível fazer. Ou você faz de eólica, ou faz a energia hídrica, ou faz a biomassa, ou faz as térmicas de carvão ou de gás. E, também, gás a gente não pode fazer, porque nós não vamos importar gás para fazer térmica. Nós estamos investindo muito para ver se nos tornamos auto-suficientes em gás.

No mais, eu vou repetir para vocês: o PAC é a coisa mais séria já feita neste País em função de investimentos em infra-estrutura. E, sinceramente, depois do PAC veio o Programa de Desenvolvimento da Educação, depois virá um pequeno PACzinho para a segurança pública, um pequeno PACzinho para a agricultura. O nome, certamente, não será PAC, o nome será outro. Eu estou falando PAC porque está na moda, agora. Não é o governo mandando no Congresso, pelo contrário. É o governo pautando as necessidades do Brasil e o Brasil pautando as necessidades do governo.

No mais, vocês viram que eu acabei de receber a camisa do Figueirense, que não é o time do Governador, porque o time do Governador é o Joinville. Mas me parece que, neste momento, o melhor não é nem o Joinville e nem o Figueirense, é o Chapecoense, que foi campeão. Então, como eu não moro aqui em Santa Catarina, apesar de ter inveja de quem mora aqui, eu torço para todos os times de Santa Catarina. Que vença o melhor.